



PEREIRA, Carlos Lemes. Ingestão eventual é menos danosa, diz especialista. Correio Popular, Campinas, 09 mar., 2003.

Ingestão eventual é menos danosa, diz especialista

“Uai, se eu tiro o peixe vivo da água, é porque ele tá bem de saúde. Cumé, então, qui’ele vai me fazer mal?” João Carlos Silveira, 50, o “Mineirinho”, usa toda sua experiência acumulada nas barrancas do Rio São Francisco, no Vale do Jequitinhonha, onde nasceu, para tentar desacreditar a placa de alerta da Prefeitura.

E, antes que a lógica de Mineiro seja condenada pelo seu aparente simplismo, ela recebe um quase aval de ninguém menos que o coordenador do Centro de Controle de Intoxicações da Unicamp, Ronan Vieira. “Algum tóxico capaz de matar uma pessoa mataria antes o peixe, que tem o organismo mais frágil. Assim, se o animal for retirado da água com vida, pode-se considerar isso como um indicativo relativamente tranquilizador”, argumenta.

É óbvio que o especialista não incentiva ninguém a consumir peixe oriundo de um habitat classificado como insalubre pelas autoridades em saúde pública. “Para me posicionar tecnicamente, eu precisaria conhecer com detalhes o que chega à lagoa, em termos de poluentes. E, aí, mapear o quanto disso se acumula na cadeia alimentar, ou seja, as parcelas que se concentram nas plantas aquáticas, nos peixes herbívoros e, por fim, nos peixes carnívoros”, ressalva.

PERIGO REAL

No entanto, retoma o tom amenizador: “De qualquer forma, em se tratando de tóxicos químicos, o perigo real para a saúde humana reside na ingestão muito frequente de peixes que tenham tido contato com contami-